

Irã acusa Israel de atacar alvos do país na Síria

Presidente iraniano promete vingança após responsabilizar Estado judeu pela morte de cinco conselheiros militares, incluindo o chefe local de Inteligência das Forças Quds, o braço estrangeiro da Guarda Revolucionária

ARMANDO NERI

O Irã acusa Israel de lançar ontem um ataque aéreo contra Damasco, a capital da Síria, e prometeu vingança, alegando que o bombardeio matou cinco conselheiros militares do país, incluindo o chefe local de Inteligência das Forças Quds, o braço estrangeiro da Guarda Revolucionária do Irã, Hajjallah Omidiyar, e seu vice, a Guarda Revolucionária —força de elite militar, política e econômica iraniana— está presente na Síria desde o início da guerra civil do país, em 2011, quando o regime de Bashar al-Assad a reprimir um levante popular.

—A República Islâmica do Irã não deixará os crimes do regime sionista sem resposta —disse o presidente do Irã, Ibrahim Raisi, citado pela mídia estatal.

AMPLIAÇÃO DO CONFLITO

O bombardeio atingiu um prédio residencial de quatro andares no bairro de Mazzeh, sudoeste de Damasco, uma área que abriga um aeroporto militar, a sede da ONU na capital síria, embaixadas e restaurantes. Sob condição de anonimato, uma autoridade de Defesa israelense confirmou ao jornal New York Times a morte de

Omidyar e seu vice, mas rejeitou dizer quem estaria por trás da ação.

O ataque de ontem é o mais recente sinal de ampliação no Oriente Médio do conflito entre Israel e o Hamas, iniciado em 7 de outubro, quando terroristas do grupo fundamentalista islâmico palestino realizaram o pior ataque em solo israelense desde a formação do Estado judeu, em 1948. Além de deixar 1,2 mil mortos, o Hamas fez 240 pessoas como reféns, das quais 132 permanecem em Gaza, sendo 107 delas ainda vivas, segundo estimativa da rede americana CNN. Em resposta, Israel realiza uma

ofensiva militar contra o enclave controlado pelo Hamas de 2007, deixando até agora quase 25 mil mortos, segundo o Ministério da Saúde vinculado ao grupo palestino.

Adversários de longa data, Israel e Irã travam uma guerra nas sombras há anos, realizando ataques secretos por terra, mar, ar e ciberespaço um contra o outro. Israel fez ataques de precisão contra figuras iranianas importantes com o objetivo de desabilitar as capacidades nucleares e militares do país. Também tentou interromper as linhas de fornecimento iranianas para as forças que lutam na região em sua guerra por proci-

zação, incluindo o envio de armas para o grupo xiita libanês Hezbollah por meio da Síria.

Além do Hamas e do Hezbollah, que vem protagonizando uma troca de hostilidades na fronteira norte israelense desde o início da guerra em Gaza, o Irã apoia os houthis no Iêmen, que têm atacado navios no Mar Vermelho em protesto contra a campanha militar israelense. As Forças Quds, braço estrangeiro da Guarda Revolucionária, apoia-se relaciona com esses grupos em toda região.

As tensões aumentaram em dezembro, quando o Irã acusou Israel de matar o general de brigada Sayyed Ra-

zi Mousavi, conselheiro sênior da Guarda Revolucionária, em um ataque com míssil na Síria. Nesta semana, o Irã lançou um ataque com mísseis contra a cidade de Irbil, na região do Curdistão, no norte do Iraque, dizendo que visava uma base israelense para coleta de inteligência. Também nesta semana, atingiu alvos na Síria e no Paquistão. Mas, até agora, o país parece evitar uma grande escalada. Segundo analistas, Teer quer que os ataques sejam comedidos, flexionando seus músculos sem entrar numa luta direta com Israel, os EUA ou seus aliados.

FELIPE BARINI

Re: twitter/highlights

Em um dos locais mais conhecidos do planeta, a Praça Vermelha, em Moscou, uma edificação por vezes passa despercebida por turistas e por quem visita a capital russa por outras razões. Mas ali, aos pés dos muros do Kremlin, está aquele que talvez seja o maior símbolo existente dos tempos da União Soviética (URSS): o corpo embalsamado de Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido como Vladimir Lênin, um dos principais responsáveis por moldar a História do século XX, cuja morte completa 100 anos hoje.

Logo depois de ser declarado morto em Gorki, em 21 de janeiro de 1924, aos 53 anos, o corpo do líder da Revolução de Outubro foi preparado para um grande funeral em Moscou, que reuniu cerca de 500 mil pessoas. Naquele momento, a ideia era realizar apenas os procedimentos usuais que permitissem um velório de alguns dias antes que ele fosse sepultado.

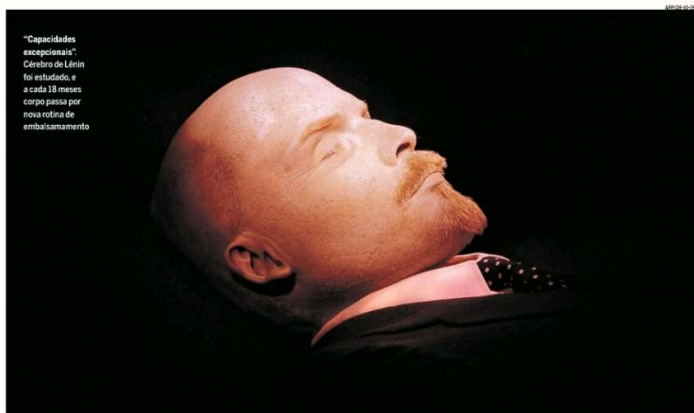
Passaram-se 56 dias desde a morte até que fosse tomada uma decisão para preservar o corpo por mais tempo: inicialmente, a ideia era congelá-lo, o que não impediria que continuasse a sofrer decomposição, embora a um ritmo mais lento. Depois, veio uma sugestão mais radical: o embalsamamento, em um processo químico que permitia passar o momento da morte para sempre —ou enquanto a ciência permitia.

ÓRGÃOS RETIRADOS

Inicialmente, mais de 200 pessoas trabalharam na operação: órgãos internos foram retirados —seu cérebro foi levado para estudos adicionais para analisar suas “capacidades excepcionais”, e alguns fragmentos ainda estão no Centro de Neurologia da Academia Russa de Ciências.

Pele, ossos e tecidos foram preservados, e a cada 18 meses o corpo passa por uma nova rotina de limpeza e embalsamamento. Até hoje, todo o processo é mantido em sigilo, e os responsáveis não respondem aos pedidos de entrevista do GLOBO.

O mausoléu foi aberto ao público em 1º de agosto de 1924, inicialmente em uma estrutura provisória, e em 1930 o local tornou-se for-



Corpo embalsamado de Lênin, morto há 100 anos, sobrevive ao custo anual de US\$ 200 mil

Desde colapso da União Soviética, pesquisas indicam que russos gostariam que ex-líder fosse enterrado, mas presidente Putin descarta ideia: “Não devemos tocar nisso”

mas atuais, com as inconfindíveis paredes de granito e mármore. O nome “Lênin”, no alfabeto cirílico, encara a Praça Vermelha, hoje tomada por anúncios de marcas de todos os tipos, como um lembrete do passado comunista.

Desde então, o corpo foi movido dali apenas uma vez, em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, ou Grande Guerra Patriótica, quando a capital russa foi atingida pelos bombardeios da Alemanha nazista.

Lênin ficou na cidade de Tyumen, na Sibéria, até o fim do conflito, quando o mausoléu foi reaberto.

Por cerca de oito anos, Lênin teve companhia: Josef Stalin, que comandou

a URSS desde 1924 até sua morte, em 1953. O corpo do georgiano de Gori que conduziu o governo durante a Segunda Guerra e que foi acusado por inúmeros massacres e perseguições, foi embalsamado segundo o mesmo processo, e múltiplos seguiram seu funeral até a Praça Vermelha.

Contudo, os tempos eram outros: o novo chefe do Partido Comunista, Nikita Krushev, tinha como pilar a desestalinização da URSS. Em 1961, como parte desse processo, Dora Abramovna Lazurkina, uma integrante do partido, disse em uma reunião ter conversado com Lênin em sonho, e que o líder afirmou não querer a seu lado “alguém que fez

tanto mal ao partido”. Apesar de a URSS ser um Estado ateu, o “desejo” foi atendido, e Stalin, sepultado no cemitério localizado ao lado dos muros do Kremlin. Três anos depois, Krushev seria derrubado em um golpe palaciano.

SEM CÂMERAS E CELULARES

Quem deseja visitar o corpo de Lênin precisa passar por uma inspeção de segurança que vetar a entrada de câmeras e celulares. A solenidade no ar remete aos tempos em que a bandeira vermelha, com a foice e o martelo, tremulava a poucos metros dali, e a imagem que surge quando se adentra o mausoléu faz questionar, mesmo que

por alguns instantes, em que ano se está.

Na noite de 25 de dezembro de 1991, quando a URSS chegou ao fim, novos países surgiram e o sistema comunista deu lugar ao capitalismo, por décadas considerado um inimigo mortal. “Controle” era um conceito abstrato.

NOVOS TEMPOS

Enquanto redes de fast-food americanas e cassinos pipocaram pela capital russa, uma questão surgiu: o que fazer com o corpo de Lênin e, principalmente, quem pagará pela manutenção? Novos líderes democráticos defenderam que o corpo fosse enterrado imediatamente, seguindo uma rotina de derrubada de antigos símbolos do regime. Mas boa parte da população e do meio político tradicional se opôs.

Muitas pessoas foram para a Praça Vermelha protestar contra essa blasfêmia —disse ao Moscow Times, em 2016, Yevgeny Dorovits, deputado e por muito tempo responsável pela manutenção do memorial. —Felizmente, o comandante da guarnição do Kremlin acalmou a todos, dizendo que o mausoléu estava a salvo.

Em 2016, um relatório do governo russo revelou que o custo anual para manter o corpo embalsamado era de 13 milhões de rublos, à época algo como R\$ 650 mil reais ou US\$ 200 mil, um valor

questionado por liberais que querem pôr fim ao gasto, e mesmo por comunistas que dizem que o líder soviético não gostaria de ser eternizado como um “ídolo”.

Pesquisas dos últimos anos mostram que mais de 60% dos russos querem que ele seja enterrado, mas o presidente Vladimir Putin sinalizou, em 2019, que isso não acontecerá tão cedo —se é que será algum dia.

—Não devemos tocar nisso [enterramento de Lênin] enquanto ainda houver pessoas que conectem suas vidas com isso, com as conquistas do passado, dos anos soviéticos —disse o presidente, que hoje não esconde suas muitas divergências com o pensamento leninista, inclusive sobre a Ucrânia.

Lênin não é o único líder comunista embalsamado. Na China, Mao Tsé-tung está em um memorial em Pequim. Na Coreia do Norte, o Palácio do Sol Kimusua guarda o corpo de Kim Il-sung e Kim Jong-il, em Pyongyang, e, no Vietnã, Ho Chi Minh está em um memorial que leva seu nome, em Hanói. Em 2013, o governo da Venezuela sinalizou que o corpo de Hugo Chávez, morto naquele mesmo ano, também seria embalsamado, mas o plano foi abandonado depois que especialistas russos apontaram que o processo seria impossível diante de uma série de “questões técnicas”.